

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2000

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES E CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise	10 pontos
Coerência lógica do discurso.....	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A **mera transcrição** de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados.....	35 pontos
Coerência lógica do discurso.....	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos
TOTAL DO GRUPO I	120 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta **não manifestar** conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

GRUPO I

Tópicos de conteúdo:

DA NATUREZA, Parménides

1. O ser não começa nem acaba, quer no espaço, quer no tempo.
Só o não ser justificaria a origem e a destruição, mas o não ser é impossível.
Inexistência de uma razão suficiente.
2. Inadmissão do vazio: o ser é completo, inabalável, sem princípio nem fim.
Irreduzibilidade ao não ser: eterno presente.
3. Via da verdade e conhecimento do ser, ingénito e indestrutível.
Identidade entre ser e pensar.
Impossibilidade do não ser, impensável e indizível.

GÓRGIAS, Platão

1. Agir com justiça.
Ser justamente punido quando se age mal.
Aceitar a punição como um bem.
2. Retórica como exame de si mesmo, auto-acusação.
Acusação pública de si mesmo e dos seus próximos para punição das injustiças e consequente purificação da alma.
3. Condenação das pretensões da retórica à universalidade do saber e à autonomia dos fins.
As artes e os seus simulacros.
Incapacidade de a retórica satisfazer as exigências de verdade e de método servidas pela dialéctica.
Relação entre retórica e política.
Possibilidade de reabilitação da retórica sob o controlo do filósofo.

FÉDON, Platão

1. A alma, preexistente ao corpo, não depende deste como a harmonia depende das cordas e da respectiva vibração.
A teoria da alma-harmonia baseia-se num pressuposto apenas verosímil.
As teorias baseadas em meras verosimilhanças induzem-nos em erro.
2. Existência da alma antes de entrar «numa forma e num corpo humanos».
Seu relacionamento com a «realidade em si».
Sua pertença a esse tipo de realidades.
3. Ponto de partida para a refutação de Símiás e Cebes aos argumentos socráticos: a admissão da preexistência da alma – teoria da reminiscência.
Teoria da alma-harmonia e suas contradições: a alma não é a harmonia do corpo, por ser anterior à sua formação.
Imortalidade da alma deduzida da sua essência.
Tentativa de superação do plano da crença.

CATEGORIAS, Aristóteles

1. A espécie homem que, embora predicada de um homem, não se acha em nenhum homem; o mesmo se aplica ao género: o género homem predica-se de homem, mas não se acha nele. Homem e animal (substâncias segundas) predicam-se de um determinado homem, mas não se encontram nele.
2. Só as substâncias primeiras são individuais, significam «um determinado»; as substâncias segundas são ditas de uma multiplicidade de sujeitos – são universais. As substâncias primeiras, não sendo ditas de nenhum sujeito, não originam qualquer predicado linguístico.
3. A relação ontológica de predicação implica sempre uma predicação linguística sinonímica; a predicação linguística, implicada pela relação de inerência, nunca é sinonímica. O modo de existência dos universais é distinto do das coisas particulares – os universais não podem existir separadamente das coisas particulares enquanto estas são auto-subsistentes. O primado ontológico das coisas particulares.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

1. Atributos da substância pensante: o pensamento – atributo essencial –, o sentir, o imaginar, o querer.
Atributos da substância material: a extensão – atributo essencial –, a figura, o movimento.
2. Existência, em nós, da ideia clara e distinta de uma substância incriada – Deus. Incapacidade do nosso entendimento para compreender todos os Seus atributos. Atributos cognoscíveis: pensamento, independência, perfeição.
3. Noções de substância e atributo: sua distinção.
As diferentes substâncias e seus atributos.
Entendimento e sentidos como formas de conhecer.
O dualismo: *res cogitans* e *res extensa*. A substância divina.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

1. Duplo modo de existência das acções morais: *in foro interno* e *in foro externo*.
Dupla dependência das acções morais: da consciência e da autoridade do Estado.
2. Meios exclusivamente espirituais:
admoestações, denúncia dos erros, exortações e argumentos.
3. Possibilidade de superação dos conflitos entre a Igreja, o Estado e a consciência.
Distinção entre os respectivos poderes e funções.
Não interferência do Estado no concernente à salvação das almas.
Ausência de coacção nas leis da Igreja / carácter coactivo da lei civil.
Fundamentos da tolerância.

V.S.F.F.

114/C/3

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz

1. Independência das substâncias – entre a alma e o corpo há harmonia e não união.
Dispensa do recurso ao milagre.
Recurso ao princípio da harmonia preestabelecida – as substâncias «correspondem por si mesmas ao que ocorre em todo o universo».
2. Incomunicabilidade directa das substâncias.
Substâncias entendidas como possuindo, em si, a representação de todas as outras substâncias – «o nosso [corpo] recebe a impressão de todos os outros».
Incapacidade de cada uma reunir todos os pontos de vista – «atender a tudo em particular».
3. Relação entre a alma (espírito) e o corpo (matéria).
Alma como mónada dominante.
Origem e natureza do conhecimento.
Deus e o mundo.
Unidade harmónica do universo.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

1. Ligação sistemática dos seres racionais por meio de leis objectivas comuns, que mandam que cada um deles jamais se trate, a si ou aos outros, simplesmente como meios mas sempre e simultaneamente como fins em si.
«Reino dos Fins» apenas como ideal.
2. Todo o ser racional, no «Reino dos Fins», é simultaneamente membro e chefe: submetido às leis que o julgam a si e às suas acções é, simultaneamente, legislador universal, devido à liberdade/autonomia da vontade.
3. A crença racional num «Reino dos Fins» – como comunidade de seres racionais autónomos da qual estes só podem fazer parte se a sua acção for determinada apenas pelo dever e respeito pela lei – produz no ser humano o mais vivo interesse pela lei moral.
A autonomia da vontade como fundamento da dignidade do ser humano – o homem como fim em si mesmo.
Reconhecimento do valor incondicionado da liberdade e da dignidade humanas.

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação	8 pontos
Mobilização de conhecimentos*	20 pontos
Posicionamento crítico/problematizador**	20 pontos
Coerência lógica do discurso.....	20 pontos
Correcção da expressão escrita	12 pontos
TOTAL (1 × 80) =	80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

* Desdobrável em:

- selecção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido;
- utilização precisa da terminologia filosófica.

** A resposta deve reflectir uma apropriação pessoal dos conhecimentos, apresentando uma apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor, na obra.

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Dado o objectivo deste grupo serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

V.S.F.F.

114/C/5

Tópicos de conteúdo:

O MESTRE, Santo Agostinho

TEMA: Ensino e conhecimento

O Mestre exterior usa as palavras para ensinar.

As palavras não são causas eficientes do conhecimento das coisas; as palavras apenas são o veículo que adverte para as coisas – o ensino do Mestre exterior não é eficaz.

O Mestre interior faz-se ouvir e ilumina interiormente – iluminação e audição racionais, inteligíveis – e ensina sem palavras, dando a conhecer ostensivamente aquelas coisas que só a razão pode conhecer – a acção do Mestre interior constitui a forma de ensino ostensivo adequada ao conhecimento inteligível.

O Mestre interior é a fonte (interior) do conhecimento.

O ensino verbal não é totalmente desvalorizado, deve cooperar com o ensino do Mestre interior.

PROSLOGION, Santo Anselmo

TEMA: Pensamento e realidade

Existência de realidades pensadas que estão subordinadas ao pensamento: este pode pensá-las como existentes, ou como não existentes.

Uma única realidade pensada não está subordinada ao pensamento: não pode ser pensada como não existente; pensar a existência de Deus exige necessariamente a sua existência como uma realidade que existe fora do pensamento.

Apenas no caso de Deus o pensamento leva necessariamente à existência de uma realidade extramental – o ser que é Deus.

O SER E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

TEMA: Ser e dizer

O ser pode ser afirmado de dois modos: segundo o modo real e segundo o modo lógico.

No modo real, o ser divide-se pelas dez categorias lógicas; significa a realidade subsistente de uma coisa.

No modo lógico, significa a verdade das proposições; neste sentido, pode ser afirmado como ser tudo aquilo de que se possa formar uma proposição assertiva (ainda que não suponha nada de real).

O dizer está do lado do abstracto, dos conceitos: não se podem designar directamente os indivíduos, apenas de um modo mediato, através dos conceitos.

O ser – no modo real – tem a primazia sobre o dizer.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

TEMA: Conhecimento e verdade

Distinção de quatro tipos de conhecimento (iluminações): conhecimento exterior (mecânica), conhecimento interior (sensitivo), conhecimento interior (filosófico) e conhecimento superior (graça ou Sagrada Escritura).

Todos os conhecimentos possuem oculta, em si, a «multiforme sabedoria de Deus», verdades fundamentais que aparecem claramente na Sagrada Escritura – todas as ciências estão subordinadas à teologia.

O conhecimento só é possível graças «à iluminação que vem do alto».

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: Opinião e verdade

Oposição entre opinião e verdade.

Opinião é a convicção que repousa sobre a particularidade do sujeito, sobre fundamentos subjectivos, sentimentos, intuições.

A verdade não é conhecida pelo perceber imediato, na intuição, mas apenas pelo pensar; a filosofia tem por meta apreender a verdade (por meio do pensamento).

O verdadeiro é a Ideia, que se desenvolve como um sistema orgânico, uma totalidade que contém, em si, uma grande riqueza de estádios e desenvolvimentos.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

TEMA: Crise do pensamento moderno

Desde o seu aparecimento, o espírito moderno tem repetido, a seu modo, os ciclos anteriores: idealista, espiritualista, panteísta, materialista, céptico.

Pressão do espírito prático sobre a filosofia, exigindo resultados e não disputas.

Enfraquecimento do espírito de sistema e do fanatismo dogmático: abertura dos espíritos inteligentes a quaisquer influências, desde que racionais – o criticismo substituindo o dogmatismo.

Importância do criticismo kantiano.

Descrédito das grandes construções *a priori*.

O poder criador do espírito moderno, na esfera das grandes construções sistemáticas, parece esgotado.

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Símbolo e conceito

Para o verdadeiro poeta, a metáfora é uma imagem substitutiva que lhe entra no espírito, em vez do conceito.

Os conceitos são generalizações, abstracções.

Sócrates escreve música: não quererá isto dizer que a arte (símbolo) é a única capaz de penetrar numa região da sabedoria de onde a lógica (conceito) está excluída?

A essência da natureza só pode exprimir-se por meio de símbolos (simbólica de todo o corpo humano e forças simbólicas da música).

A música simboliza uma esfera superior e anterior a toda a aparência: a música dionisiaca espelha a Vontade do mundo, e o acontecimento que apreendemos intuitivamente chega a dar-nos a verdade eterna. O drama musical faz-nos intuir as relações entre as coisas, de maneira sensível e não abstracta.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: O fundamento do conhecimento

As crenças e convicções implícitas em qualquer proposição empírica, que exprima quer uma hipótese quer um saber, assentam num fundo de referências adquiridas.

A organização biológica do ser humano e a sua educação contribuem para a existência de proposições – da ordem da imagem do mundo – que não são derivadas de outras proposições anteriores nem dependem da experiência para a sua validade, proposições anteriores e experiência que constituem a base das suas certezas.

V.S.F.F.

114/C/7

DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: Liberdade como realização da essência da verdade

A essência da verdade corresponde à desocultação do ente.

A verdade não reside originariamente na proposição, não caracteriza a proposição correcta.

Concordar, ou não concordar, com uma verdade exige liberdade.

Necessidade de ultrapassar os preconceitos que se opõem à posição da essência da verdade como liberdade; reconhecimento da conexão essencial entre verdade, como correcção, e liberdade.

A liberdade é deixar-ser, entrega à desocultação do ente enquanto tal.

A essência da verdade, no sentido de correcção do enunciado, é liberdade.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: Filosofia, hermenêutica e verdade

Filosofia como hermenêutica – caminho para a autocompreensão, que supõe a abertura e o encontro com o mundo.

O processo hermenêutico é a apropriação do sentido de um texto; a imposição de sentido de um texto gera uma nova compreensão, tanto do mundo como do eu.

O excesso de sentido permite a abertura ao múltiplo e ao diverso das interpretações: a «verdade» apreende-se nessa diversidade de interpretações.

V.S.F.F.

114/C/9

A certeza é considerada como um modo de viver, como algo que está para além de ser justificado ou injustificado.

O começo (fundamento) tem de ser procurado na sociabilidade humana: o animal humano possui a capacidade orgânica de comunicar e a de se integrar numa organização social – o conhecimento assenta nas convicções fundacionais – imagem do mundo – e nas capacidades naturais ou adquiridas em sociedade.

O sistema de crenças gerado pela prática social, e não a relação sujeito-objecto, é que fundamenta o conhecimento.

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: O filósofo e o sentido da ambiguidade

O filósofo adopta o equívoco como tema e nele funda certezas.

Mesmo quando pretende construir uma filosofia absolutamente positiva, o filósofo recusa o direito de se instalar no saber absoluto: assume-se sempre como aquele que nada sabe; renuncia a aceitar a coincidência entre aquilo que exprime e o sentido daquilo que exprime.

Aquilo que caracteriza o filósofo é o movimento que o leva, incessantemente, da ignorância ao saber e do saber à ignorância.

Ao querer estar em toda a parte, o filósofo arrisca-se a nunca estar em nenhuma.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: Verdade e falsidade

O problema só se coloca em relação ao conhecimento derivado de verdades, não ao conhecimento intuitivo das verdades.

Verdade e falsidade são propriedades, opostas, das nossas crenças.

Crítica da teoria da verdade como coerência.

A verdade, ou a falsidade, de uma crença deriva de algo que lhe é exterior – verdade como correspondência entre crença e facto complexo; a crença deriva da nossa mente, mas a sua verdade, não: o facto é o fundamento objectivo da verdade da crença.

O conhecimento do facto, por intimidade, dá origem a uma verdade evidente por si mesma.

Possibilidade, em princípio, da verdade absoluta; inexistência de garantia de a alcançar.

A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

TEMA: Temporalidade da saudade

A saudade integra-se na temporalidade: é o tempo que confere realidade à saudade.

Dos três momentos do tempo – passado, presente e futuro, – só o passado tem um papel determinante na saudade.

É a carga afectiva do passado que, despertando a sua evocação na consciência, a remete para essa situação emotiva e a torna consciência saudosa.

A relação actual entre a consciência e o mundo é anulada pela saudade, que obriga a consciência a fixar-se no passado – emotivamente mais rico – desvalorizando o presente – emotivamente mais pobre.

Referência à «saudade do futuro».